



Portal da Superação: estudo da reverberação de dramas pessoais em narrativa ficcional de *Viver a Vida*¹

Maria Cristina BRANDÃO DE FARIA²

Maria Fernanda França PEREIRA³

Guilherme Moreira FERNANDES⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Nesse texto, verificamos na telenovela *Viver a Vida* de Manoel Carlos, o *Portal da Superação* - recurso utilizado a partir de depoimentos de pessoas comuns que passaram por toda espécie de adversidades e infortúnios e explicam como conseguiram superar os problemas vividos. Os depoimentos, ao final de cada capítulo, eram simultaneamente postados no site da novela numa versão expandida, uma forma interativa de inserir a participação da audiência na trama. Orientamo-nos pelos pressupostos da convergência de mídias em Jenkins (2009) e, no que tange o debate sobre a paisagem midiática atual realizada por Lucia Santaella (2007), inferimos três categorias de análises do *Portal*: multimodal, apropriativa e participativa. Relacionamos ainda o *Portal* em seu diálogo com a pós-modernidade e com conceitos de “auto-ajuda”.

PALAVRAS-CHAVE: Telenovela; convergência; narrativa de auto-ajuda.

Introdução: os dramas de *Viver a Vida*

Para entender a telenovela *Viver a Vida* (2009-2010), a palavra-chave é superação. De preconceitos, de desilusões amorosas, de limitações físicas. O leque de emoções que o autor Manoel Carlos decidiu manipular em seu cartaz das nove da noite perpassa, de uma maneira ou de outra, os insondáveis caminhos pelos quais a percepção humana se transforma. Helena (Taís Araújo), a protagonista, é uma modelo de projeção internacional no auge da carreira. Solteira e sem filhos, ela tem sua personalidade forte posta à prova quando Luciana (Alinne Moraes), jovem modelo em ascensão, passa a competir profissionalmente com ela. A tensão entre as duas mulheres aumenta quando Helena se apaixona e casa com o empresário Marcos (José Mayer), pai de Luciana. O destino reserva outras surpresas para as antagonistas. Em uma viagem a trabalho para a Jordânia, Luciana sofre um acidente de ônibus e fica tetraplégica. Ela terá que iniciar

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e Doutora em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO). Professora adjunta da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: cristinabrandao49@yahoo.com.br

³ Mestre em Comunicação pelo PPGCOM da UFJF. E-mail: fernandinha_fp@yahoo.com.br

⁴ Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM da UFJF. E-mail: gui_facom@hotmail.com



uma jornada rumo à reabilitação física e emocional. Sentindo-se culpada, Helena também enfrenta problemas com os ciúmes do marido possessivo. Após a separação, um novo drama: Helena se envolve com Bruno (Thiago Lacerda), o filho que Marcos não conhece.

Superação também é o mote de outras personagens da novela: Tereza (Lilia Cabral), a ex-mulher de Marcos, ainda amargurada pela recente separação; Jorge e Miguel (Mateus Solano), irmãos gêmeos em conflito pelo amor de Luciana; Ariane (Christine Fernandes), a médica viúva às voltas com o filho pequeno; Sandrinha (Aparecida Petrowky), a irmã de Helena que se envolve com o marginal Benê (Marcello Melo); e Dora (Giovanna Antonelli), mãe solteira, com personalidade dúbia, que ora parece ser sonhadora e luta para melhorar de vida, ora parece ser oportunista e ambiciosa.

A Central Globo de Comunicação diz que a novela foi um sucesso comercial, sem divulgar os números, e que o portal de vídeos da emissora é o maior do país. Na Folha *on line*, o autor da novela, defendeu seu desempenho: “Estamos satisfeitos com a audiência, mas claro que gostaríamos de ter números melhores. A novela foi um recorde de merchandising. Cheguei a recusar e continuam chegando propostas para os últimos capítulos”, afirmou. Para Manoel Carlos, “isso obviamente significa sucesso, ainda que para determinada parte do público, pois acredito que as novas mídias sejam responsáveis pelos números menores do Ibope”⁵. O autor também falou sobre o sucesso que a novela fez em Portugal, país que pagou um *merchandising* exibido entre os dias 3 e 6 de maio de 2010. Ele defendeu o *merchandising social* da trama, pois obrigou vários estabelecimentos comerciais a construírem rampas para cadeirantes e, nesse sentido foi premiado pela UNESCO.

Em entrevista ao livro “Autores – Histórias da Teledramaturgia” Manoel Carlos (2008, p. 69) afirma que a reação do público é muito importante para o autor escrever. Ele sempre se considerou um verdadeiro pesquisador de suas próprias tramas, na medida em que procura saber como o telespectador está acompanhando sua narrativa.

⁵ Folha *on line*. “Viver a Vida tem a pior audiência da década”. Em 9 de maio de 2010. Viver a Vida” registrou em seus últimos capítulos em média 35,6 pontos de audiência na Grande São Paulo (2,13 milhões de domicílios). Está longe dos 50,4 de “Senhora do Destino” --exibida entre 2004 e 2005- a líder de audiência dentre as novelas das oito da Globo nesta década. O resultado não é tão negativo para “Viver a Vida” se considerarmos a porcentagem de televisores sintonizados na novela dentre o total de ligados no horário. Foram 56,3%, contra 73,7% de “Senhora do Destino”.



Perguntado se a audiência interfere no processo criativo, Manoel Carlos (2008, p. 78) responde: “sem dúvida”. Contudo, no que se refere aos grupos de discussão promovidos pela Rede Globo, o autor é enfático ao responder que nunca foi assistir uma reunião do grupo e também nunca leu nenhum relatório. Sobre a forma de interação com o público, o autor explica que:

Todos os dias, ando pelo Leblon – conheço todo mundo, moro há quase 30 anos no bairro – converso com o homem da banca de jornais, com o sujeito que vende pipoca. Vou a todas as livrarias, para na soverteria, na padaria, falo com o caixa do banco, com o entregador da farmácia. Assim, vou tirando a temperatura das coisas. (MANOEL CARLOS, 2008, p. 69)

Por outro lado, o romancista pode ocultar aspectos importantes do mundo real, propondo um “contramundo”. *Viver a Vida* constrói um “ponto de vista” sobre este ou aquele aspecto do mundo estruturando-o em espetáculo multimídia que é objeto de cuidados de nossa análise. Interessa-nos apresentar a produção de sentidos a partir do momento em que conteúdos convergentes, postos em circulação pela Rede Globo através de uma telenovela, atentam para o modo específico como esses produtos aprofundam uma experiência de fruição apoiada numa lógica de expansividade de um produto cultural midiático. Hoje concordamos em postular que um texto concebido, nesse caso pelo autor Manoel Carlos, autoriza uma pluralidade de interpretações e interações com seu público consumidor e destacamos como objeto de estudo, o *Portal da Superação* onde acreditamos ter havido uma atividade interpretativa da audiência através de suas narrativas, suas histórias pessoais de enfrentamento de problemas sofridos e vencidos.

Diálogo com o pensamento pós-moderno

O desembocamento na narrativa de auto-ajuda ao final de *Viver a Vida* é um sintoma da pós-modernidade, que desterritorializou as certezas do mundo moderno. Para Anthony Giddens (2005) esse abalo ocorreu como consequência da ação conjunta dos processos de globalização, informatização das redes sócio-organizacionais, da crise do sujeito e do Estado-Nação, que acarretaram na sensação de vazio, perda das referências, no desequilíbrio e no descontrole.

Outro autor que se dedica a mapear a transição entre modernidade e pós-modernidade é o sociólogo Zygmunt Bauman. Em sua obra *O mal-estar da pós-modernidade*, o teórico caracteriza a modernidade como sendo sustentado pelo tripé beleza, pureza e ordem, em que os ideais científicos e o capitalismo se incumbiram de



organizar, sistematizar e racionalizar a civilização, conferindo segurança e estabilidade aos indivíduos. Contudo, para se ter a segurança é necessário abrir mão da liberdade, instalando-se o mal-estar da modernidade.

Com a agudização do capitalismo e da globalização, o individualismo e o consumo passam a ser os pilares de sustentação da pós-modernidade, sendo marcada pelas inúmeras possibilidades de escolhas materiais, simbólicas e identitárias. Todavia atesta o sociólogo:

Isto não significa dizer, porém, que os ideais de beleza, pureza e ordem que conduziram os homens e mulheres em sua viagem de descoberta moderna tenham sido abandonados, ou tenham perdido um tanto do brilho original. Agora, todavia, eles devem ser perseguidos – e realizados – através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais. (BAUMAN, 1997, p.9)

A rápida circulação do capital e do consumo e a fluidez informacional, cultural e identitária rompem com a estabilidade do sujeito e sua segurança, convocando-o assumir a responsabilidade da satisfação de seus desejos e sua felicidade. Diante de tanta oferta, a liberdade passa a ser o imperativo. Os indivíduos optaram por experimentar uma vida mais livre, na qual existem infinitas possibilidades de escolhas, porém se viram coagidos a encarar a incerteza e a insegurança, se tudo é fluído, líquido e veloz, logo as experiências não são passíveis de serem apreendidas e enraizadas.

Segundo Bauman (2001), na *modernidade líquida*, o que era sólido derreteu-se: as metanarrativas de suporte pessoal, coletivo e estrutural esvaíram-se, ou seja, as grandes narrativas e os discursos tradicionais desmoronam em prol das condutas livremente escolhidas e assumidas pelos indivíduos singulares; os laços humanos tornaram-se frágeis e efêmeros; o transitório substitui o perene. “O otimismo técnico - científico desmorona, as grandes descobertas envelhecem (...) Nenhuma ideologia política inflama multidões. A sociedade pós-moderna perde seus ídolos, seus tabus e suas imagens. Já não há nenhum projeto histórico mobilizador” (CARVALHO, 2008, p.6).

O filósofo Gilles Lipovetsky opera com o conceito de hipermodernidade, ao invés de pós-modernidade como Giddens ou *modernidade líquida* como Bauman. Isto porque o autor defende em *Os Tempos Hipermodernos* que estamos imersos em uma cultura do excesso e da urgência em que temos a ampliação das possibilidades, tudo se tornou “hiper”, hiperfuncionalidade, hipercidades, hipercapitalismo, hiperconsumo, hipermídia, hipertexto e hipernarcisismo.



Em entrevista concedida a *Revista ComCiência*, Lipovetsky (2008) descreve a era do vazio como “um período em que as grandes ideologias que marcaram a modernidade, como o nacionalismo, o socialismo, a revolução e o progresso tinham perdido sua força, forma e estabilidade no mundo contemporâneo”. Este vazio se refere a uma desorientação referencial, dadas as inúmeras e flutuantes referências, isto acaba por acarretar um comportamento cada vez mais individualista entre os sujeitos:

No século XXI, haverá todo um conjunto de comportamentos nos quais vamos ver as pessoas que querem fazer mais por elas mesmas. Fotos, filmes, escrever em blogs na internet, participar de associações... Cada vez mais as pessoas procuram soluções individuais para seus problemas, sofrimentos, para suas existências e não vejo nenhum discurso, nenhum programa capaz de colocar fim a essa dinâmica. (LIPOVETSKY, 2008, p.37)

Especificamente na obra *A Era do Vazio*, Lipovetsky avalia minuciosamente as características do sujeito da hipermodernidade, evidenciado seu caráter narcisístico: “o narcisismo inaugura, pela sua indiferença, a pós-modernidade” (LIPOVETSKI, 1989, p.48). Fruto da exacerbação do individualismo, o Narciso é *cool*, libertário, flexível, hedonista e consome por prazer, se envolve temporariamente em algumas causas por atenderem a uma demanda pessoal, mas sem se comprometer com ideologias.

Diante desse quadro de fragilidade referencial e de volatilidade discursos identitários, o individualismo encarregou cada um pela busca de sua própria felicidade, esse é o preço da liberdade que solapou a prioridade por segurança. Com crise dos fundamentos, as pessoas não sabem no que crer e em que se fundamentar para edificar as suas filosofias de vida. Logo as narrativas de auto-ajuda “passam a ser o lugar no qual os medos podem ser dissolvidos e os indivíduos podem encontrar elementos que os ajudem a pautar suas vidas e criar suas identidades” (OLIVEIRA, 2009, p.7).

O conceito de auto-ajuda modernamente difundido consiste em “conjunto de obras que buscam ensinar a desenvolver capacidades objetivas ou subjetivas no indivíduo, através de fórmulas padronizadas, baseadas nos poderes interiores individuais, visando à satisfação de interesses também individuais” (MATTEI, s.d, p.5). Baseadas em experiências pessoais, reais ou ficcionais, os textos de auto-ajuda têm como princípio ensinar fórmulas homogêneas centradas na ação individual para solucionar os problemas e alcançar o sucesso na vida. As narrativas de auto-ajuda são extremamente meritocráticas, desconsiderando os diversos contextos sociais em que se encontram as pessoas, apresentam soluções massivas, mas não coletivas.



O nascimento e a sustentação da auto-ajuda compõem uma das respostas passíveis do indivíduo enfrentar as dificuldades característica da pós-modernidade, indicando caminhos individuais para assegurar o *status quo*. “Portanto, enquanto a ordem vigente for mantida a auto-ajuda foi, é e será a fonte sustentável de explicações e soluções visando forjar comportamentos humanos tanto no que diz respeito à vida profissional como em vários outros aspectos da existência humana.” (TURMINA, 2005, p. 183).

Acreditamos que além de todo *merchandising social* promovido pelos depoimentos veiculados na telenovela *Viver a Vida* e disponibilizados no *Portal da Superação*, existe também uma narrativa de pano de fundo de auto-ajuda: a superação. Detectamos que na maioria esmagadora dos discursos, é mostrado o drama que essas pessoas viveram ou ainda vivem, mas, ao final foram superados e revelam que a força de vontade e a esperança são capazes de vencer as adversidades da vida.

Este discurso da superação também foi utilizado pela campanha desenvolvida Associação Brasileira dos Anunciantes (ABA), no ano de 2004, cujo objetivo era de motivar e estimular a sociedade civil, os empresários, veículos de comunicação e instâncias públicas a desenvolverem esforços para resgatar a auto-estima do povo brasileiro. Com o slogan “sou brasileiro, não desisto nunca”, utilizando a música *Tente outra vez* de Raul Seixas, histórias individuais de sucesso e superação como a do jogador Ronaldo e do músico Herbert Vianna ou de pessoas não famosas já teciam a narrativa de auto-ajuda, que posteriormente também foi utilizada em *Viver a Vida*.

Depoimentos que compõem narrativas – *Portal da Superação*

Nesta primeira abordagem, podemos identificar, no cenário atual, tendências que levam à procura do “real”, à publicização do “privado”, à necessidade de “narrar”, “contar”, como se, através das narrativas, o espectador/ comunicador pudesse entender seu lugar no mundo, compreender ou observar a complexidade que o cerca, restabelecer vínculos primordiais consigo mesmo e com o outro.

A presença deste discurso periférico, de pessoas comuns, que não falam representando instituições ou interesses comerciais, mas, sim, experiências pessoais, que andam pelas ruas da cidade e que, como acredita o autor Philippe Lejeune (2008), são “homens-narrativas”, nos leva a novas interpretações da nossa realidade e a reflexões sobre registros do passado e do presente que estamos construindo, além de nos



fazer pensar sobre a importância das histórias orais que ressaltam as “memórias subterrâneas” – que dizem respeito à análise dos “excluídos, dos marginalizados e das minorias” (POLLAK, 1989, p.02).

Assim, através de um espaço na telenovela *Viver a Vida - O Portal da Superação* - dedicado a história dessas pessoas comuns e os programas que se preocupam com estes personagens possibilitaram a construção de relatos sobre o real que contemplam a diversidade de pontos de vista e o registro de uma memória não oficial fundamentada nesses relatos de vida que servem, afinal, para a melhor compreensão da complexidade da sociedade contemporânea.

Esta tendência, a da preocupação com histórias de vida, pode ser observada não só na televisão, mas também em produtos audiovisuais como na produção de filmes documentários⁶ que vêm adotando mecanismos nos quais podemos apontar para relatos de vida mais intimistas onde os personagens que habitam as cidades têm boas ou curiosas histórias para contar.

A partir do digital e da internet, abriu-se um terreno muito fértil para o novo. No *site* da novela www.viveravida.globo.com as pessoas podem “cliquear” no que eles chamam de *Portal da Superação*. Ali é possível ter acesso aos depoimentos de todas as pessoas que apareceram no final de cada capítulo relatando suas experiências e triunfos junto à infortúnios de toda ordem. Além de ver as fotos e a uma pequena “versão estendida” da história de vida destes “personagens reais”, ao acessar o portal, o internauta podia enviar um texto ou um vídeo que, em seguida seria encaminhado à produção da novela. Caso o vídeo fosse selecionado, o depoente era chamado para regrava-lo no padrão visual adotado pela emissora e exibi-lo no capítulo ou no Portal.⁷

Segundo Henry Jenkins (2009, p. 43), “a convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento”. Ou seja, as cooperações entre as múltiplas indústrias de mídias se acentuam; modifica-se o comportamento da audiência que tende a ficar cada vez mais migratória e ativa na procura de experiências de entretenimento que almejam.

⁶ Os filmes de Eduardo de Oliveira Coutinho são exemplos: caracterizam-se pela capacidade de ouvir pessoas comuns suas emoções e aspirações, registrando situações da vida privada, sentimentalismos e sofrimentos. São exemplos: “Cabra Marcado para morrer”(1984), “Edifício Master” (2002) “Peões” (2004) entre outros.

⁷ “Algo mais próximo do pessoal, como sempre foi a boa literatura e a pintura, e que agora a imagem audiovisual está adotando” (LEAL, 2008, p. 36). Até ações de *marketing* de empresas como a Coca-Cola têm apostado em experiências “multissensoriais (e multimídia) que criem impressões mais vívidas e recorram à força das histórias para moldar identificações nos consumidores” (JENKINS, 2009, p. 106).



A convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdo de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. (JENKINS, 2009 p.325)

Os depoimentos no final de cada capítulo⁸ da telenovela reafirmam a questão da verossimilhança, já que os telespectadores passam a utilizá-los como meio para a aproximação entre os seus próprios dramas e o daqueles que reverberam algum trecho de suas vidas. Podemos caracterizar esses depoimentos como afecções de anônimos que interagem com o tema central da trama – a personagem tetraplégica vivida pela protagonista, em constante superação após seu trágico acidente. De um modo geral, o depoente/personagem introduzido na narrativa ficcional, segue a regra do drama televisado. As falas são reverberações de dramas individuais que através de grande esforço foram superados. Para Bill Nichols:

Falar de alguma coisa pode incluir a narração de uma história, a criação de um estado de ânimo poético ou a construção de uma narrativa [...] mas também implica um desejo voltado para o conteúdo, um desejo de transmitir informação, basear-se em fatos e expressar opiniões sobre o mundo que compartilhamos (NICHOLS, 2007, p. 42).

Na internet, os depoimentos ficam dispostos por ordem de apresentação, começando do último capítulo, que está no topo do *site*, ocupando a parte central da tela. O outro modo de acessar os vídeos é através de categorias criadas por temáticas, disponíveis em ordem alfabética, do lado esquerdo da página. A terceira maneira é por meio dos *tags* que também se encontram em ordem alfabética, com algumas das categorias temáticas e com nomes de alguns dos depoentes.

No que tange o debate sobre a paisagem midiática atual realizada por Lucia Santaella (2007, p. 123) gostaríamos de evidenciar três características latentes que a telenovela *Viver a Vida* em seu transbordamento no *Portal da Superação* nos aponta:

- 1) Multimodal: o mesmo conteúdo pode ser encontrado em múltiplas representações. - Os depoimentos veiculados após o término da telenovela também estão disponibilizados no portal, alguns de forma ampliada, com maior tempo de duração e com uma sinopse para leitura, que fornecem uma pré-informação do que assistiremos.

⁸ Esta mesma estratégia de colocar depoimentos pessoais no final de cada capítulo foi também utilizada por Manoel Carlos em *Páginas da Vida* (2006-2007). Em *O Clone* (2001) a autora Glória Perez também se valeu desse recurso, todavia os depoimentos apareciam no decorrer dos capítulos e adotavam a temática da dependência química de drogas, convergindo com os dramas da personagem Mel (Débora Falabella). Todavia, foi com *Viver a Vida* que o público foi convidado a participar enviando os vídeos com suas histórias.



- 2) Apropriativa: novas tecnologias facilitam o arquivamento, anotação, apropriação e recirculação do conteúdo midiático. – Diferentemente da telenovela, que deve ser consumida imediatamente à sua transmissão, o portal proporciona o arquivamento e a recirculação dos depoimentos, que podem ser acessados e revistos a qualquer momento.
- 3) Participativa: borra-se a linha divisória entre consumidor e produtor com ênfase crescente nas afiliações sociais e engajamento ativo em torno do conteúdo da mídia. – Os próprios telespectadores da telenovela mandavam seus vídeos narrando suas histórias, ou seja, produzindo conteúdos para mídia. Entretanto, para se integrar de fato ao *Portal da Superação* e a telenovela, os vídeos eram regravados com todo aparato tecnológico da Rede Globo e também se adequando a linguagem desejada pela emissora.

Em relação ao conteúdo do portal, as categorias temáticas totalizaram 93 assuntos diversos, entretanto em uma mesma categoria pode haver mais de um vídeo e um mesmo vídeo pode estar contido em diversas categorias, ou seja, elas se interseccionam. Para ilustrarmos o conteúdo geral desses depoimentos, criamos oito subdivisões, as quais foram agrupadas por afinidades entre os temas e as histórias, mas o mote central é sempre a narrativa da superação.

Vencer, dominar, aceitar, adaptar-se, aprender a conviver ou perder alguém para as doenças são temáticas preferenciais dos depoimentos veiculados no portal. Criamos a seção *doenças* para agrupar, de uma forma mais geral, os vários tipos de enfermidades relatados pelos depoentes. Neste grupo estão contidos desde temas como AIDS, câncer, AVC (acidente, vascular cerebral), diabetes e meningite, até doenças de desconhecimento do público por sua raridade e falta de informação como Síndrome de Asperger, Síndrome de Gilles de La Tourette e Síndrome de West.

Dividimos os relatos mais específicos de certas doenças ou situações de enfermidade em grupos diferenciados, tanto pela quantidade de aparição e semelhança entre os temas, quanto por seu diálogo direto com a telenovela. Como *doenças e acidentes que levaram os depoentes a situação de cadeirantes*, que abarcariam acidentes, amputação, lesão medular, tetraplegia ou doenças como a paralisia infantil e poliomelite, acabaram por levar os depoentes a usarem cadeira-de-rodas, mesma situação vivida pela Luciana, protagonista de *Viver a Vida*.

Outra subdivisão criada foi *doenças ligadas a distúrbio alimentar*, na qual se enquadram os temas anorexia, bulimia e obesidade, dramas semelhantes ao

experimentado pela personagem Renatinha, interpretada por Barbara Paz. As *doenças psíquicas*, como depressão e transtorno bipolar, também tiveram sua divisão especial. *Relacionamentos e gêneros* foi designada para tratar de experiências cotidianas vividas pela maioria das pessoas da vida real e das personagens de ficção televisiva, entretanto que também causam dor e exigem superação, tais como paixão, morte e infidelidade ou por determinada opção sexual, que podem acarretar preconceitos sociais, como a homossexualidade e transexualidade.

A seção *vícios* foi engendrada para suturar assuntos concernentes ao alcoolismo, uso de drogas, dependência química e outros tipos de excessos. Estabelecemos a divisão *violência*, para retratarmos diferentes tipos de agressões sofridos em diversas esferas da vida: física, psíquica, social e moral. Relatos de maus tratos, abandono, abuso sexual e estupro, preconceito, discriminação, pobreza foram documentados no *Portal da Superação*. Neste eixo temático, também constam dois emocionantes depoimentos sobre o Nazismo e o Holocausto, essas pessoas foram presas em campos de concentração, sofrendo todo tipo de desventura, passaram fome, perderam a família, mas sobreviveram e refizeram suas vidas no Brasil.

A última seção é *motivadores de superação*, que na verdade são narrativas de alguns tipos de experiências que ajudaram aos depoentes a superarem suas adversidades e contratemplos, despertando-os para uma nova realidade cheia de esperança e incentivadores para seguirem em frente. Adoção, gravidez, doação, carnaval, literatura, dança, internet são alguns dos exemplos, que levaram essas pessoas a vencerem na vida. Logo abaixo fizemos um gráfico para ilustrar a distribuição desses conteúdos no *site*:

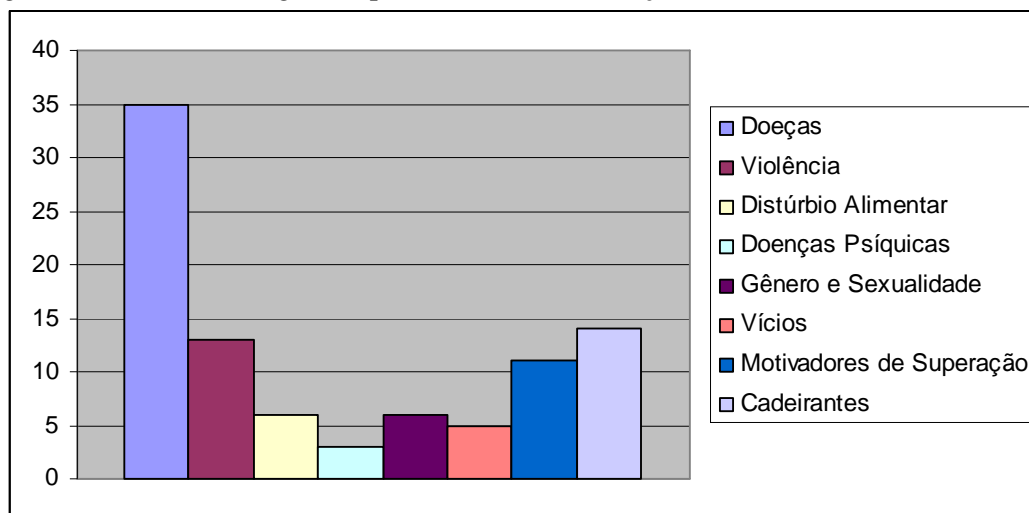


Gráfico 1: Conteúdo do Portal da Superação



Trazer o real para a ficção e trabalhar esta nova forma onde um dá suporte ao outro ajuda a criação de identificações com determinados temas, assuntos, modismos. Aluizio Trinta acredita que a televisão hoje mescla uma “teleficção da realidade” a uma “realidade da teleficção” – que caracteriza o mundo visto através da televisão que tem histórias interessantes para todos os públicos (TRINTA, 2007, p. 152). É o que acontece quando Manoel Carlos leva depoimentos para seus capítulos. Quantos telespectadores não sofreram problemas graves e se encontram desamparados? Certamente quando assistem aos depoimentos de quem superou dificuldades ganham ânimo para superar os seus, pois se identificam com o que é apresentado e narrado por estas pessoas comuns. Neste momento os meios de comunicação, mais uma vez, proporcionam além de informação e entretenimento, “identificação e projeções possíveis, com relação a pessoas, personalidades e personagens, sejam reais, sejam imaginários” (TRINTA, 2007, p. 151).

Esther Hamburger (2003) diz que a novela está sofrendo cada vez mais influência e intervenção dos acontecimentos cotidianos do que em qualquer outra época. O papel da telenovela está se tornando uma espécie de “auto-ajuda coletiva” e mantém “uma temporalidade flexível, capaz de se alongar ou se precipitar, conforme a intensidade da corrente que se forma” (Folha de São Paulo *on line*, 20 ago.2003). Para este mesmo caminho aponta a matéria "Minutos de sabedoria" (MARTHE, 2010, p. 99), publicada na revista *Veja*, que faz paralelos e indica semelhanças entre os diálogos dos personagens da telenovela *Viver a Vida* e trechos de alguns livros de Auto-Ajuda.

Manoel Carlos utiliza a música "Sei lá... a Vida tem Sempre Razão", de Toquinho e Vinicius de Moraes na voz de Chico Buarque, Miúcha e Tom Jobim para a abertura da trama. A letra da canção trata a vida como uma grande ilusão, de maneira pessimista como no trecho “Como é, por exemplo, que dá pra entender: a gente mal nasce, começa a morrer...”; e diz ainda que “a vida tem sempre razão”. Mas, contrariamente, a telenovela passa aos telespectadores ao término de cada capítulo, a temática da superação dos revezes, dos infortúnios, das fatalidades, de doenças que podem ser revertidos para uma boa situação.

Como exemplo dessa narrativa de superação, o último depoimento disponibilizado no portal e que foi ao dia 14 de maio de 2010, no encerramento da telenovela. O depoente é João Carlos Martins, pianista e regente de fama internacional. Aos oito anos de idade vence seu primeiro concurso executando obras de Bach e aprofunda seus estudos em piano, aos 13 anos inicia sua carreira nacional e com 18 anos



a carreira internacional. João Carlos Martins se tornou o principal intérprete de Bach. Porém, aos 26 anos, após uma queda num jogo de futebol, perdeu a mobilidade da mão direita, mas percebeu que se não utilizasse o quarto dedo da mão, recuperaria a velocidade necessária para continuar tocando. Após sete anos, começou a sofrer com a Síndrome dos Movimentos Repetitivos e teve que se afastar da música novamente. Mesmo com essas adversidades, continuou a estudar e se aperfeiçoar, criando um estilo peculiar de tocar, mas que o possibilitava de continuar com seus sonhos.

A vida coloca João Carlos Martins a prova mais uma vez. Na saída de uma apresentação, é assaltado e sofre um golpe com uma barra de ferro na cabeça e fica com os movimentos do lado direito todos comprometidos. Um ano após o incidente, já conseguia novamente executar as 21 notas por segundo; contudo dois anos depois de sua volta, os médicos avisam ao pianista que terão que cortar um nervo da mão direita e ele nunca mais tocará piano. Inicia-se então uma carreira com a mão esquerda, mas um tumor eliminou esta possibilidade. Aos 63 anos de idade, começa a estudar regência e forma sua *Bachiana Jovem* e *Bachiana Filarmônica*, que atualmente formam uma única orquestra.

Aos 69 anos de idade, termina seu depoimento contando a experiência de uma apresentação em que se emocionou: ao ver várias bandeiras do Brasil, agradeceu a Deus por tudo, agradeceu por ser brasileiro e por poder fazer música até o fim de sua vida. Especialmente por ter sido o último capítulo de *Viver a Vida*, ao final de seu depoimento, João Carlos Martins rege sua orquestra tendo na platéia os outros depoentes que dividiram suas histórias com o público e os atores da telenovela. E, curiosamente, apesar de sua especialidade ser Bach, a música tocada foi a Nona Sinfonia de Beethoven, provavelmente pela proximidade entre as histórias de superação do regente brasileiro com compositor alemão⁹.

A história de João Carlos Martins é exemplo máximo de superação, inúmeras dificuldades foram vencidas em prol de um sonho e uma motivação: a música. Contudo, a vitória deste homem se deu pelos seus esforços individuais em busca de realização e de felicidade. A narrativa de auto-ajuda ofertada em *Viver a Vida* propõe uma filosofia de vida para os telespectadores e internautas que se encontram fragmentados em sua

⁹ O compositor alemão Ludwig Van Beethoven (1770-1827) é um dos mais importantes e expressivos músico erudito, produzindo no período de transição do Classicismo para o Romantismo. Sua biografia é famosa, pois além do seu grande talento, outro fato chama atenção: Beethoven ficou surdo, entrou em depressão, mas continuou vivo e motivado por sua paixão, a música. Sua obra mais popular é a Nona Sinfonia, composta período em que já estava completamente surdo e depressivo.



identidade, desacreditados e desamparados com a crise de fundamentos ativada pela pós-modernidade: se hoje não temos como referência um projeto ideológico (socialismo, comunismo ou anarquismo) ou político construído pelo Estado-Nação, restou ao individualismo tentar dar sentido a *Era do Vazio*.

Considerações finais

As narrativas de auto-ajuda do *Portal da Superação* nos revelam a concentração da felicidade em uma busca individual e narcisística, no sentido de que apenas o sujeito é capaz de lutar por ele e de dar sentido a sua própria existência, por mais que conte com algum tipo de ajuda. Acreditamos que a busca por “pessoas reais” para contar sua história de superação é uma forma de mostrar ao público não são somente os personagens da teleficção que tem seu *happy end*. Na trama, Luciana sofreu quando viu sua carreira de modelo “ser destruída” em virtude do seu acidente e sua condição tetraplégica. Todavia, depois que aceitou sua deficiência física, conseguiu novamente reativar sua carreira, sua vida amorosa e ainda dar a luz a um casal de gêmeos.

Em um mundo globalizado, marcado pelo hiperconsumismo, instabilidade, crise identitária, excesso de liberdade e laços líquidos; os depoimentos em *Viver a Vida* oferecem narrativas de auto-ajuda sempre pautadas no poder individual de cada sujeito para modificarem suas vidas e se tornarem vitoriosos e felizes, “se eu acreditar e lutar, eu venço”. A palavra superação sutura todos os depoimentos e a telenovela de Manoel Carlos, transbordando o conteúdo televisivo para a Internet, mesclando realidade e ficção, a linguagem de documentário com teledramaturgia. A participação do público mostrou que a realidade e a ficção podem caminhar de mãos dadas. A vida real não é diferente da vida ficcional mostrada por Manoel Carlos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CARLOS, Manoel. Entrevista. In: AUTORES **História da Teledramaturgia**. São Paulo: Ed. Globo, 2008. 36-111

CARVALHO, Luzia Alves de. A condição humana em tempo de globalização: a busca do sentido da vida. In: **Revista Visões**, nº4, vol. 1, jan/jul 2008. Disponível em: <http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_A_Condicao_Humana_Em_Tempo_De_Globalizacao_Luzia_Alves.pdf>. Acessado em: 3 jan. de 2011.



GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo em nós.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

HAMBURGER, Esther. "Mulheres Apaixonadas" flerta com prestação de serviço. In: **Folha de S. Paulo** on line, 20 ago. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u36008.shtml>.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo, Ed. Aleph, 2009.

LEAL, Hermes. Festival dos Documentários? In: **Revista de Cinema.** São Paulo, Ed. Única, n. 91, p. 36-37, nov./dez.2008.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico.** De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo.** Lisboa: Relógio d'água, 1989.

_____. Entrevista concedida a Flavia Natércia e Luciano Valente. In: **Revista ComCiência.** Nº101, publicada em 10 set. de 2008. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&tipo=entrevista&edicao=38>. Acessado em: 3 jan. de 2011.

MATTEI, Isabel. **Esoterismo, auto-ajuda e trivialidade em o Alquimista.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/823-4.pdf>. Acessado em 3 jan. 2011.

OLIVEIRA, Leonardo Schabbach. Livros de auto-ajuda: objetos de consumo pós-moderno. In: INTERCOM SUDESTE, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, UFRJ, 2009, CD-Rom.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417>. Acesso em: 15/03/2010

TRINTA, Aluizio Ramos. Identidade, identificação e projeção: telenovela e papéis sociais, no Brasil. In: COUTINHO, Iluska; SILVEIRA, Potiguara. **Comunicação: tecnologia e identidade.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp.151-164.

TURMINA, Adriana Cláudia. **Mudar para manter: a auto-ajuda como a nova pedagogia do capital.** Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0504.pdf> Acesso em: 3 jan. de 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.